

WILLIAN DOS REIS MARTINS

O ENREDO DOS ENREDOS:  
65 anos de Brinca Quem Pode

Relatório do Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado à disciplina Projetos  
Experimentais  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Daisi Irmgard Vogel

FLORIANÓPOLIS  
2012

“O mesmo pé que dança um samba  
Se preciso vai à luta.”

[Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle]

“O Tejo é mais belo que o rio que  
corre pela minha aldeia,  
Mas o Tejo não é mais belo que o rio  
que corre pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre  
pela minha aldeia.”

[Fernando Pessoa]

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	13
3. DESAFIOS E APRENDIZADO.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

## 1. INTRODUÇÃO

O livro *O Enredo dos Enredos – 65 anos de Brinca Quem Pode* nasceu da preocupação de se manter viva a memória da escola de samba Brinca Quem Pode, de Laguna (SC) – a segunda mais antiga do carnaval da cidade. Com que este trabalho recorreu ao gênero da grande reportagem em texto para resgatar os momentos e os personagens que formam a história da entidade, cuja fundação se deu em 17 de fevereiro de 1947.

Em cerca de 200 páginas, o livro, para atender às exigências da grande reportagem – de ser um mergulho de fôlego no fato e no contexto –, acabou não só se detendo na Brinca Quem Pode, como também na trajetória do carnaval de Laguna. Afinal, não se entende a fundação desta escola sem buscar conhecer como então se arranjava o tríduo momesco na cidade. O qual, por sua vez, está profundamente ligado – como não poderia deixar de ser – às conjunturas social e econômica lagunenses. Daí que *O Enredo dos Enredos – 65 anos de Brinca Quem Pode* ainda se preocupou em abarcar de alguma forma, apesar de não ser precisamente o seu foco, aspectos da vida do município que, de um modo ou de outro, interferiram nos rumos do carnaval. Para se ter uma ideia: nos anos 1960, quando a Brinca Quem Pode, então um bloco, fixou-se no bairro Progresso, este nada mais era do que muitos cômodos de areia e algumas casas, guardando pouquíssimas semelhanças com o que é hoje. Onde relegar, nesse caso, a expansão da mancha urbana de Laguna, de 1947 para cá, seria ignorar os princípios que sustentam o gênero da grande reportagem.

Por isso, quando este trabalho começou a ser pensado, estabeleceu-se como objetivo inicial remontar, já em suas primeiras páginas, o contexto histórico, social e econômico da Laguna da metade dos anos 1940 (depois, decidiu-se, por questão de espaço, entre outras, deter-se em 1947), a fim de se entender as circunstâncias que levaram à fundação da escola. De modo que o relato, conforme o planejado, avançou cronologicamente até chegar aos dias de hoje, em que os desfiles ocorrem, desde 2007, no sambódromo Hindemburgo Moreira.

*O Enredo dos Enredos* chamou para si a responsabilidade de promover uma revisita ao passado, com seus fatos e personagens que ainda estão na memória dos integrantes da Brinca Quem Pode ou que foram transmitidos pela tradição oral. E, por mergulho ao passado, deve-se considerar que são 65 anos de história e, de quebra, um passeio pela evolução do próprio carnaval de Laguna – das ruas estreitas do centro

histórico da cidade para a passarela inspirada nos anfiteatros gregos, onde o desfile é observado das arquibancadas, de cima para baixo.

No caso específico da Brinca Quem Pode, fundada em fevereiro de 1947, a criação se deu porque um grupo, na maioria negros, pobres e músicos da banda União dos Artistas (aliás, a banda civil mais antiga do país, de 3 de maio de 1860), cansado de ficar de fora do carnaval – então restrito aos bailes em clubes, abertos apenas a sócios e convidados –, resolveu entrar na brincadeira também. Considerando os poucos recursos financeiros daquelas pessoas e o fato de que as escolas de samba ainda não eram o que são hoje, não causa espanto a Brinca Quem Pode ter começado como bloco humilde.

Para explicar a origem do nome, há duas versões correntes entre os antigos integrantes, como conta Reis (1996). A primeira afirma que se adotou o nome do bloco homônimo que existia no extinto Clube Cruz e Sousa, em Laguna (a criação do Brinca, no Sousa, foi inspirada, por sua vez, no bloco carnavalesco exclusivamente negro existente em Florianópolis, chamado Brinca Quem Pode e frequentado por lagunenses). A outra versão diz que o nome surgiu espontaneamente, a partir da improvisação para desfilar durante o carnaval, quando a regra geral era brincar como se podia.

À época, desde meados dos anos 1930, quem dava as cartas no carnaval eram os blocos Bola Branca e Bola Preta. Mas, como fosse uma festa praticamente restrita aos salões, eles estavam ligados aos clubes Congresso e Blondin, ambos no centro da cidade (não por acaso, onde a elite de então se concentrava). Porém, a partir dos anos 1950, estes blocos deixaram a cidadela das sociedades recreativas para exibirem-se pelas ruas também. É que, com a Brinca Quem Pode em 1947 e, um ano antes, com o rival desta, o cordão Xavante, a festa do lado de fora dos clubes ganhara força – a ponto de, a partir dos anos 1960 – praticamente dominar o carnaval lagunense. Impossibilitados de manter o luxo das fantasias cada vez mais caras, Bola Branca e Bola Preta entraram em declínio e, por volta de 1975, deixaram de desfilar.

Em 1957, uma mudança significativa aconteceu na Brinca Quem Pode. Vencendo resistência interna, a escola passou a ser integrada por pessoas consideradas brancas, ainda que em pequeno número. Inicialmente, os novos integrantes incorporavam-se à escola apenas nos dias de carnaval. Posteriormente, passaram a ter participação mais direta, ocupando cargos de diretoria. Entretanto, essa participação efetiva impôs, de início, uma separação entre negros e brancos. O que se confirma pela existência do Grêmio das Rosas e do Grêmio das

Margaridas Brancas (hoje inativos), formados respectivamente por mulheres negras e brancas.

Ainda na década de 1950, uma dissidência deu origem à agora extinta escola de samba Mangueira, da qual, em divisão posterior, surgiu a Vila Isabel – ambas situadas próximas ao centro da cidade, no Morro da Glória. Outra cisão aconteceu no final dos anos 1970 e redundou, em 1980, no surgimento da escola de samba Mocidade Independente, localizada na mesma comunidade a que pertence a Brinca Quem Pode: o bairro Progresso.

Como não tivesse sede própria, o local dos ensaios da Brinca Quem Pode, em época de carnaval, mudava constantemente. Por vinte anos, perambulou por vários locais, principalmente no bairro Campo de Fora. Somente no final da década de 1950, durante a gestão do prefeito Walmor de Oliveira, o bloco recebeu uma área de terras no recém-criado Núcleo Residencial da Roseta (mais tarde, iria se tornar o bairro Progresso). Mesmo assim, apenas em 1968, é que a primeira sede, uma casa simples de madeira construída em mutirão, foi inaugurada.

Reis (1996) observa que, quando se trata das auto-representações, a cultura negra foi raramente abordada durante a trajetória da escola. Os primeiros enredos sobre o tema foram *Lendas e Mistérios do Negro no Brasil Império*, em 1977, e *Festa Colorida e Dança da Deusa Vodum*, em 1984. (Aliás, os sambas para esses enredos foram compostos por Ivaldo Roque, músico lagunense que chegou a ter a canção *Moda de Sangue*, feita em parceria com o compositor gaúcho Jerônimo Jardim, gravada por Elis Regina em *Saudade do Brasil*, de 1980.) A escola retomou a temática afro-brasileira em 2010 com o enredo *Xica da Silva Bagunça a Corte de Portugal no Brasil*, com o qual obteve a quarta colocação, e em 2012, com *Rufam os Tambores para Anunciar: da África a Paulinho Baeta*. O desfile deu à agremiação o vice-campeonato.

Em 1974, a vitória da escola de samba O Bem Amado estabeleceu-se como marco de transformação do carnaval de rua lagunense. A partir de então, inaugurou-se o carnaval-espetáculo, em imitação reduzida do que se faz no carnaval do Rio de Janeiro. Com isso, não demorou para que os blocos, vendo o sucesso da agremiação, fossem também se convertendo em escola de samba. Brinca Quem Pode e Xavante resistiram à moda o quanto puderam. Mas a renitência durou até o início da década de 1980, quando, quase isoladas totalmente, tiveram de capitular, transformando-se em escolas de samba e acatando os regulamentos então vigentes.

Em 1989, a Brinca Quem Pode levou para avenida, pela primeira vez em sua história, a escultura de uma águia no carro abre-alas. Era o desejo de Paulo Tibúrcio dos Reis, um dos fundadores da escola e seu principal baluarte, inspirado no que assistia nos desfiles da Portela, do Rio de Janeiro, da qual era torcedor. É bem provável que, até então, quase ninguém soubesse que a águia era também o símbolo da Brinca Quem Pode. Mas, a partir daquele desfile, seria praticamente heresia a agremiação não desfilar com a escultura no abre-alas.

A Brinca Quem Pode é possivelmente a escola de samba mais popular de Laguna, não por acaso apelidada de “a alegria do povo”. Paulo Tibúrcio dos Reis, mais conhecido como Paulinho Baeta, famoso também como músico, teve seu nome emprestado a uma praça no bairro Progresso, em fevereiro de 2005, e à passarela que corta o sambódromo, em janeiro de 2007. Brinca Quem Pode e Paulinho Baeta são também partes de mim: desfile na escola desde 1993 (segundo minha mãe) e Baeta, morto em 1997, é meu avô materno.

Claro que esta ligação umbilical com o carnaval despertou minha atenção para o tema. Mas a ideia de escrever sobre a história da Brinca Quem Pode, da qual até hoje faço parte, veio de antes. Foi um compromisso que assumi muito cedo, antes mesmo de entrar para a faculdade de Jornalismo e ter de eleger um objeto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No final de 2006, enquanto terminava o ensino médio e providenciava o ingresso no curso de Jornalismo na Unisul, de Tubarão, havia decidido que usaria aquela oportunidade para, de alguma forma, ajudar a contar e perpetuar a trajetória da escola.

Em 2009, entrei para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e descobri que, como TCC, poderia falar de minha escola por meio de grande reportagem em texto. Além de objetivo pessoal, este trabalho, cujo resultado deverá ser publicado em forma de livro, foi pensado – e é o que também o justifica – para preencher a lacuna que há no registro das manifestações culturais populares. No caso da Brinca Quem Pode, como referência bibliográfica de nível acadêmico, a única pesquisa que existe é dissertação de mestrado *Brinca Quem Pode: Territorialidade e (In) Visibilidade Negra em Laguna – SC*, defendida em 1996 por Aloísio Luiz dos Reis, na UFSC. Porém, não houve a republicação do material que visasse a atingir um número maior de pessoas, e também a linguagem e o conteúdo mais herméticos do trabalho dificilmente seriam bem recebidos pelo grande público, cujo nível de instrução é relativamente baixo.

Outras referências de pesquisa são as reportagens de jornais. Porém, nem sempre dão conta do que de fato acontece dentro de uma

escola de samba. Por exemplo: em 2010, quando a Brinca Quem Pode contou a história de Xica da Silva, o rodado do abre-alas quebrou em plena avenida. Inicialmente, o carro estancou. Só a muito custo conseguiu-se movê-lo, ainda que não seguisse em linha reta. Em sua página na internet, o *ClicRbs* erroneamente informou: “O primeiro carro alegórico a entrar na avenida não fez o tradicional trajeto em linha reta. O carro virava para os dois lados da passarela, cumprimentando o público, que teve a chance de vê-lo de frente”.

Mas *O Enredo dos Enredos* tornou-se necessário ainda por dar voz e visibilidade aos atores do carnaval de escola de samba, quase sempre excluídos do discurso geral da mídia. O que, diga-se, era também um de seus principais objetivos. Primeiro: não se faz carnaval sem pessoas. Segundo: uma das bases fundamentais deste trabalho, conforme previsto, eram as lembranças dos componentes da Brinca Quem Pode – ao mesmo tempo, protagonistas e testemunhas.

O resultado do livro, para além de um trabalho de conclusão de curso, é a contribuição, calcada nos princípios do jornalismo, para a perpetuação da memória da subvalorizada cultura popular.

## 2. PROCESSO DE PRODUÇÃO

Apesar de ter tido a ideia havia um bom tempo, só comecei a estruturar mais efetivamente o projeto em meados de março de 2012, durante a disciplina Técnicas de Projetos em Comunicação. Foi quando passei a planejar como o assunto seria abordado e, principalmente, organizado na forma de livro. Inclusive a pesquisa de campo só iria iniciar meses depois.

Antes disso, minha preocupação maior foi com texto. Não só para aprimorá-lo, como também para encontrar o tom certo, entre o coloquial e a norma-padrão. Na verdade, acredito nunca ter enfrentado dificuldade em atingir esse nível de texto, exigido pelo jornalismo, principalmente por causa das minhas influências literárias, mais ligadas à leveza da crônica. Mesmo assim, desde outubro do ano anterior, dediquei-me a ler e estudar (construção de cenas, descrição, sintaxe etc.) alguns escritores. Uns da área do jornalismo, como Zuenir Ventura e Gay Talese, e outros – a maioria – da própria literatura, como Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Gustave Flaubert, John Fante e os nacionais Rubem Fonseca, Nelson Motta e Nelson Rodrigues. Enquanto isso, ainda me debrucei sobre o teórico *O Texto da Reportagem Impressa: um Curso sobre sua Estrutura*, de Oswaldo Coimbra.

Mas foi com Ruy Castro que penso ter alcançado o estilo para mim ideal, que não fosse excessivamente coloquial nem rebarbativo, mas fluído de modo a não perder o leitor. Primeiramente, li *O Vermelho e o Negro: Pequena Grande História do Flamengo*, por ser curto, se comparado com outros trabalhos do autor, e porque dali teria uma ideia mais clara de que como estruturar uma reportagem de cunho histórico, como foi *O Enredo dos Enredos*. Partí para o alentado *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* com o mesmo objetivo, mas ainda porque, como sói em Ruy Castro, é estruturado de modo cronológico, como estabeleci para meu livro. Já estava escrevendo os três primeiros capítulos, quando decidi ler *Carnaval no Fogo: Crônica de uma Cidade Excitante Demais* (nem tanto pela temática, pensei, e sim pelo texto).

A verdade é que *Carnaval no Fogo* acabou me ajudando tanto em um dado momento da pesquisa, quanto – e principalmente – naquilo que defini como busca pelo tom adequado ao texto de meu livro. Sem deixar de informar, Ruy escreve aqui como cronista. Nem fala tanto sobre carnaval, mas não perde a chance de narrar de forma ensolarada, leve e bem-humorada na medida certa, algo como o próprio modo de vida carioca. É também o que se espera de um livro como *O Enredo dos*

*Enredos*, cujo objetivo era, sobretudo, falar de carnaval. Estava, portanto, em *Carnaval no Fogo* o que procurava.

O projeto para o livro estaria praticamente concluído em meados de junho. Mas, preocupado com o cronograma e o grande volume de material a ser coletado, decidi sair a campo em maio; inclusive porque a ideia já estava bem estruturada. Antes de ir diretamente às fontes, determinei que deveria, primeiro, inteirar-me do assunto (por mais que estivesse, desde que nasci, dentro da escola). O que significava, segundo meu planejamento, iniciar as pesquisas em jornais.

Conforme o roteiro, a ideia era fazer os levantamentos a partir de 1947 – ano em que a história começa. O trabalho teve início em 18 de maio de 2012, no Arquivo Público Municipal Casa Candemil, em Laguna, para onde me deslocava às quintas e sextas-feiras. Daquela época, existe apenas o jornal *O Albor*. Mas, em meio à leitura do que apurava, vi que precisava ampliar o alcance de tempo estipulado para a pesquisa. Como pretendesse contextualizar a existência da escola, não poderia me deter apenas no ano de sua fundação. Seria pouco perto desse objetivo. Daí que resolvi vasculhar todo o acervo do jornal, do primeiro ao último (ainda que apenas os primeiros meses de cada ano, em que há algumas notas sobre carnaval). O que quer dizer: partiu-se da edição de 22 de janeiro de 1904 a 15 de fevereiro de 1964, sendo que o acervo de 1947 foi pesquisado por completo, página a página; afinal este ano, ao qual o primeiro capítulo foi todo dedicado, era o ponto de partida da narrativa. As pesquisas na Casa Candemil terminaram em 19 de julho e compreenderam ainda as edições lá armazenadas do jornal *O Renovador*, de 1980 a 1992. Mesmo assim, ao longo do trabalho, novas pesquisas nestes acervos tiveram de ser efetuadas em busca de mais informações. Inclusive, ainda em julho, iniciei o fichamento, página por página, das duas atas de reuniões de que a escola dispõe e cujos registros partem de 1968 para cá.

Mas a conclusão dos trabalhos na Casa Candemil não significou o fim das consultas aos jornais. O levantamento prosseguiu a partir de 15 de junho na Biblioteca Pública de Laguna, que dispõe de pastas com recortes de jornais diversos – municipais, regionais e estaduais. Como lá não houvesse acervos completos de impressos de porte, como *Diário Catarinense* (um dos funcionários me informou que os jornais são jogados fora, a não ser um ou outro recorte), iniciei simultaneamente pesquisa, a partir de 26 de junho, no acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em Florianópolis, o trabalho foi encerrado (houve alguns retornos recentes) em 5 de julho, com buscas nas edições do *DC*, cujo acervo começa em 1987, e em alguns números dos jornais *A*

*Gazeta, Jornal de Santa Catarina, O Estado e República*. Um dia antes, em 4 de julho, iniciara em Laguna pesquisas em todo o acervo do *Jornal de Laguna*, o qual vai de 1995 a 2011 (as edições de 2012 foram disponibilizadas pelo diretor do semanal).

Praticamente encerrada esta etapa em 19 de julho, partiu-se para as entrevistas. A primeira foi no dia seguinte com o historiador Antonio Carlos Marega, o que se deu não aleatoriamente. Afinal, sendo Marega profundo conhecedor da história de Laguna, a entrevista serviria como preparação para as próximas tarefas. Mas, antes disso, desde junho, a estrutura do livro ia ganhando contornos definitivos. No dia 10 daquele mês, a ordem e conteúdo dos capítulos estavam definidos, a partir do que pude pensar quais fontes entrevistaria e onde as informações se encaixariam. No final do mês, comecei a elencar enfim o nome dos possíveis entrevistados – com a ajuda de minha mãe, obviamente há muito mais tempo na escola do que eu.

De início, esta lista elaborada a quatro mãos constava de 46 pessoas, entre componentes, ex-presidentes, carnavalescos e integrantes de escolas co-irmãs de alguma forma ligados a Brinca Quem Pode. Mas havia a questão do tempo exíguo, nem todas poderiam ser ouvidas. Inclui uma delas, Nely Gil da Silva, faleceria em meio à fase de apuração, de modo que lamentavelmente não pude entrevistá-la, até porque não só foi atuante dentro da escola como ajudou a fundar a agora arquiinimiga Mocidade Independente.

Com a sucessão de entrevistas, notei que, no geral, as pessoas lembravam-se quase que das mesmas coisas, sem muita novidade entre uma entrevista e outra. Sendo assim, decidi – e também, como disse, pela falta de tempo – que algumas seriam excluídas, sem comprometimento para a apuração, já que os lados envolvidos foram consultados, inclusive uns mais de uma vez. O interessante é que, ao longo das conversas, enquanto algumas fontes tiveram de ser eliminadas, outras foram aparecendo, quase sempre por sugestão dos próprios entrevistados. Por mais que houvesse pauta e o livro estivesse previamente estruturado, sempre surgiam fatos novos e outras pessoas tinham de ser ouvidas. Ao todo, 31 pessoas foram entrevistadas.

Para a maioria das fontes, foram elaboradas pautas formais. Em outras, como o assunto era menos abrangente, apenas anotei os tópicos a serem questionados e a entrevista ia fluindo, uma pergunta puxando a outra. Do total de pessoas entrevistadas, 20 estão ligadas diretamente a Brinca Quem Pode. As demais fizeram parte em algum momento ou integraram agremiações que, de uma forma ou outra, interferiram nos rumos da escola – ou ainda, as duas coisas ao mesmo tempo, como o

radialista João de Sousa Júnior: ex-diretor da Brinca Quem Pode e líder da rival Mocidade Independente. Três dos entrevistados, por exemplo, não estão em nenhuma entidade carnavalesca, mas foram ouvidos para capítulos como o primeiro e o quarto: aquele sobre a Laguna de 1947 e este, uma “minibiografia” de Paulinho Baeta.

Em meio às leituras de trabalhos teóricos para a elaboração do projeto, em que um dos objetivos era dar voz aos atores da escola de samba e valorizá-los como personagens com identidades próprias, deparei-me com a tese *Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem*, de Alex Criado. Por opção, decidira empregar em *O Enredo dos Enredos*, por meio de diálogos ou declarações, os diversos falares dos entrevistados, respeitando as suas particularidades. Como trata do uso da oralidade na grande reportagem, a tese de Criado ampara esta minha preferência estilística.

Diz Criado (2006) que oralidade é o modo de falar de cada personagem e acrescenta que ela é um traço de sua identidade, ainda que não o único, obviamente. Mas, ao registrar a oralidade, deve o autor fazer opções, isto é: “entre as inúmeras características da oralidade, quais serão mantidas e quais serão relevadas. Trata-se aqui de encontrar o ténue equilíbrio entre a legibilidade e a manutenção da identidade do personagem”, esclarece Criado (2006, p. 68). Para além das questões de estilo, há que se considerar o fato de que, segundo a sociolinguística, os falantes não-cultos da língua são estigmatizados por conta das características de sua fala. Desse modo, ao se incorporar a fala tida como errada (ou seja, aquela que desobedece à norma-padrão), não se está, impunemente, apenas registrando as múltiplas formas de oralidade no texto jornalístico. É também um processo que pode reforçar a estigmatização de grupos já excluídos socialmente.

Na hipótese defendida por Criado (2006), a solução para tal impasse está na construção de personagens de modo integral, com elementos universais que permitam a cada ser humano, do menos escolarizado ao mais instruído, identificar-se com eles. Claro que o foco de *O Enredo dos Enredos* não era contar a vida dos entrevistados. E, comparando com a norma-padrão, nem há grandes desvios cometidos pelas fontes. Em todo caso, para evitar se incorrer no erro de estigmatizar estes falantes, foram valorizados alguns traços de personalidade ou – principalmente – algumas situações em que estiveram envolvidos, tornando evidente o contexto sociocultural do qual procedem. Com isso, permite-se conhecer melhor aqueles que fazem a história da escola ou, talvez, até se ver neles, como a um espelho. É importante salientar que, no processo de passagem da fala

para a escrita, sempre ocorrem alterações em algumas das especificidades da oralidade. O resultado não é a fala em si, mas um simulacro.

Para preservar a sintaxe de cada um, 16 entrevistas – as maiores – foram todas gravadas e, em seguida, transcritas. As demais não o foram porque se deram por telefone (uma), por email (duas), por problemas de fala decorrentes de derrame (um) ou por serem mais pontuais, não tão longas; mesmo assim, frases fortes, que contam muito do entrevistado, foram anotadas. São entrevistas cujo tempo de duração variam de 40 a 60 minutos, de modo que o seu enfoque foi dado de acordo com a função de cada fonte dentro da escola. Com isso, para algumas delas – geralmente as que não ocuparam altos cargos na hierarquia da diretoria – as perguntas foram quase sempre as mesmas, até para que se fosse confrontando as informações. Em outros casos, obviamente, as questões foram mais específicas. As gravações tiveram o consentimento das fontes, que, em nenhum momento, mostraram-se contrárias ao uso desse recurso.

O mais difícil foi convencer duas pessoas a darem entrevista. Mas, após alguma insistência, em que expliquei o que era e qual a intenção do trabalho, acabaram cedendo. Procurei, quando possível, não revelar que fazia parte da Brinca Quem Pode e que era neto de Paulinho Baeta, o principal baluarte da escola, para não interferir nem intimidar os entrevistados em suas respostas. Ainda assim, este foi um dos argumentos de que lancei mão para conseguir a entrevista com uma daquelas duas fontes que, de início, se negavam a conversar; era um dos integrantes mais antigos da escola, mesmo que hoje não desfile mais. Considerando a escassez de fontes de pesquisa sobre os primeiros anos da Brinca Quem Pode, ela, a fonte, era imprescindível.

Sendo lagunense e envolvido com o meio carnavalesco, não tive dificuldades em chegar até as fontes, afinal conhecia quase todas (umas mais, outras menos). Com uma delas, por exemplo, também das mais antigas da escola, nunca travara qualquer conversa, muito menos sabia onde morava. Mas ela fizera parte do início do Brinca Quem Pode, devia ter muita história para contar e, além do mais, este trabalho tinha como um dos objetivos resgatar a memória destas pessoas. Dessa forma, não tinha opção: precisava entrevistá-la. Nem foi preciso correr tanto atrás. Em um sábado à tarde, a encontrei em uma padaria. Sem perder tempo, apresentei-me, expliquei a situação e perguntei quando poderia entrevistá-la. Poucos dias depois, estava eu em sua casa, no alto do morro do centro de Laguna, de onde se tem uma das vistas mais belas da cidade, conversando por cerca de uma hora.

Em um trabalho de fôlego como *O Enredo dos Enredos*, exige-se domínio da história e organização. Para tanto, enquanto se dava a pesquisa em jornais, a qual teve de ser efetuada por fotografias para não danificar o material, os arquivos coletados eram armazenados todos em pastas com o ano e a publicação a que pertenciam (desde 1904 até hoje). No caso das entrevistas, sempre transcritas para o computador, estas eram ainda, em seguida, separadas de acordo com temas. A seleção (necessária) tornou-se possível porque se tinha, previamente, a estrutura a que o livro obedeceria e fez-se uma linha cronológica com os principais momentos da história e a data em que aconteceram. Deste planejamento, o trabalho seguinte foi checar se havia informações a contento para abarcar o estabelecido. A apuração foi complementada com a pesquisa em livros. À exceção de *Brinca Quem Pode: Territorialidade e (In) Visibilidade Negra em Laguna – SC*, não há mais qualquer bibliografia sobre a escola; o que se buscou, então, foram dados que ajudaram a desenhar os contextos em que se desenrola a narrativa de *O Enredo dos Enredos*.

Ao contrário da notícia, que hoje é estruturada a partir da pirâmide invertida, em que os fatos mais importantes antecedem os de menor interesse, não há, na reportagem, uma regra rígida que defina a forma como os elementos devem ser apresentados. Conforme explicam Ferrari e Sodré (1986, p.58), nela, os esquemas de texto, ou seja, “os modos como são hierarquizados os acontecimentos e as informações”, podem variar. Os autores ainda comentam dois tipos considerados mais comuns de planos de texto: o dialético (baseado na tese-antítese-síntese) e o cronológico.

Em *O Enredo dos Enredos*, optou-se pela segunda forma de estruturação. Por ser um relato de caráter principalmente histórico, nada mais natural que fosse organizado obedecendo à sequência com que os fatos aconteceram, de modo a facilitar a organização do material na forma de texto e a compreensão por parte do leitor. Sob esse ponto de vista, não causa espanto que o livro inicie em 1947 – o ano em que a Brinca Quem Pode foi fundada. Em uma visão geral, a ordenação dos capítulos segue a linearidade dos fatos, com que o relato encerra nos anos mais recentes, com informações sobre projetos da escola para um futuro próximo. Porém, ao se analisar detidamente cada capítulo, nota-se que em alguns momentos o tempo ora avança, ora retrocede. O que se fez, quase sempre, por questões de edição: para que assuntos ligados a um mesmo tema ficassem próximos, poupando espaço e inflexões desnecessárias. Não por acaso, diz Lima (2004) que o jornalismo apoderou-se de técnicas da linguagem cinematográfica, para assim, em

suas narrativas, poder avançar no tempo em *flash-forward* ou recuar em *flash-back*, para resgatar o que já foi.

Como o livro é uma reportagem de caráter mais documental, próximo à pesquisa, teve-se o cuidado de não torná-lo nem árido para o leitor nem mero compósito de dados. A solução para isso foi apropriar-se das técnicas da reportagem de ação, criando no texto cenas e passagens mais movimentadas, que costumam prender a atenção do público. Afinal, ainda segundo Ferrari e Sodré (1986), a reportagem deve conter necessariamente a narrativa, entendida como um relato em que há personagens, ação dramática e descrição de ambientes. A reportagem só não é literatura, porque está comprometida com a objetividade.

Sem mudança na história, não há narrativa. O que fica fácil de perceber em *O Enredo dos Enredos*, pela forma cronológica como os capítulos foram dispostos. Parte-se de uma Brinca Quem Pode como bloco humilde, com cerca de 80 integrantes, até se chegar à atualidade, quando os diretores planejam levar para a avenida 800 componentes em 2013. Não à toa, o tratamento dado ao nome da escola varia dependendo da época. Até 1980, quando ainda era bloco, refere-se a ela no masculino. Daí em diante, já transformada em escola de samba, é a *Brinca Quem Pode*.

Mas o livro só se detém especificamente na escola a partir do terceiro capítulo. Era uma opção arriscada, com o risco de se perder, ainda nas páginas iniciais, os leitores mais apressados. O perigo era maior ainda no primeiro capítulo, que apenas faz pequenas referências ao carnaval. O seu escopo é recriar, quase mês a mês, a Laguna de 1947. Mas, para que não provocasse estranhamento, é um dos menores capítulos em número de páginas e dispõe de poucos trechos descritivos. Em vez de se fazer algo como um relatório enfadonho de dados sobre economia e política, a estratégia adotada foi recriar o ano de 1947 a partir de cenas – as quais têm mais apelo junto ao leitor. O mesmo se deu no capítulo seguinte, que é um passeio pela história do carnaval lagunense, de meados do século XIX a 1947.

Ao mesmo tempo que funciona como suspense quanto à fundação da escola, a ambientação também se justifica pelo fato de que, tratar já de início da criação da Brinca Quem Pode, sem qualquer contexto, diminuiria toda a importância que ela tem para o carnaval de Laguna. O ponto de partida do livro, 1947, é uma época nem tão distante. Ainda assim, de lá para cá, muita coisa mudou na cidade – e a própria agremiação acompanhou isso. Portanto, antes de falar de como e

por que foi fundada, nada mais coerente do que mostrar ao leitor que ambiente era aquele e como determinou no seu nascimento.

Inicialmente, os capítulos (que, segundo o planejado, eram sete) deviam ter cerca de sete páginas, ou um pouco mais do que isso, pelo curto tempo para a produção e porque cheguei a pensar que a história, pela falta de materiais, não rendesse tanto. Ledo engano. No meio da apuração, vi que histórias paralelas eram tão interessantes que não poderia ficar de fora – até porque era uma grande reportagem, cujo foco não se limita ao tema: é preciso olhar para os lados. Daí que outras informações, além das que procurava, foram entrando e, acredito, devem ter deixado o livro mais rico e abrangente, algo como a história do próprio carnaval (e não apenas a da Brinca Quem Pode). Isso se tornou mais evidente quando cheguei ao sétimo capítulo. Era o último, faltavam poucas páginas para encerrá-lo e, ainda assim, havia muito conteúdo a tratar. Por outro lado, o tempo estava ficando mais exíguo, e seria temerário me arriscar a escrever um capítulo a mais. Não teve jeito. Ou faria um esforço hercúleo de edição, comprometendo a fase mais recente da escola, ou – o que era pior – ignorasse o período e desse um grande salto para o presente. Preferi correr o risco e escrevi o oitavo, e imprevisto, capítulo. Que, diga-se, foi o maior de todos (mesmo lançando mão de muita síntese).

Durante o planejamento, decidi que o livro seria uma narrativa em terceira pessoa, na qual o narrador é neutro, apenas mostra o que ocorre. Mas fiz a ressalva de que havia casos em que ele mudava de posição no decorrer da narrativa e assumia a voz da primeira pessoa – o “eu” entrava em cena. Pela minha ligação umbilical com a escola, deixei aberta a possibilidade de me colocar também na história. Ensaiei alguns trechos em primeira pessoa, mas o resultado não me agradou. *O Enredo dos Enredos* poderia acabar se tornando um livro de memórias minhas e, além do mais, não me julgava com histórico suficiente para fazer parte da narrativa. Existiam outros, na escola havia muito mais tempo e com mais histórias para contar.

Para organizar o fio condutor de cada capítulo, buscava lhe dar um título antes mesmo de começar a escrevê-lo – até porque já havia planejado os temas que cada um abordaria. Daí que, em nenhum momento, tenha ficado desorientado quanto aos rumos do livro. Mesmo assim, os maiores problemas ficaram para os três capítulos iniciais, que, na opinião de minha orientadora, estavam confusos. Condensara muitas informações, mas, segundo ela, a linearidade estava comprometida. Mas, depois do trabalho de reescrita de alguns trechos e reorganização dos parágrafos, a sequência lógica deve ter sido atingida a contento. Nos

demaís capítulos, as sugestões foram mais na ordem da sintaxe, com vistas à melhor fluidez do texto.

Com o trabalho de campo iniciado em 18 de maio, foi em Laguna onde ele praticamente se concentrou (em Florianópolis, fiz apenas algumas pesquisas na Biblioteca do Estado e na UFSC). Por isso, os gastos maiores, conforme previsto em orçamento, foram com transporte.

Serviço	Custo total	Fonte
Transporte intermunicipal (Florianópolis/Laguna – ida e volta)	R\$ 513,00	Recursos próprios
Transporte urbano	R\$ 104,40	Recursos próprios
Hospedagem	-	Casa própria
Alimentação	-	Casa própria
Xerox e impressão de provas	R\$ 100,00	Recursos próprios
Escaneamento de fotos	R\$ 30,00	Recursos próprios
Criação de capa	R\$ 50,00	Recursos próprios
Impressão do livro (cinco unidades)	R\$ 223,40	Recursos próprios
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 1.020,80</b>	

Em comparação com o orçamento inicial, o custo total do projeto ficou R\$ 183,85 mais barato. Em parte, porque os gastos previstos com a diagramação, por exemplo, foram excluídos. Por causa do tempo escasso (o diagramador pediu um mês de antecedência em relação à data de entrega do livro), decidi cuidar do planejamento gráfico e da diagramação. O que fiz baseado em algumas biografias, como *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, do já citado Ruy Castro, e *Roberto Marinho*, de Pedro Bial. Quanto às fotos, nem todas puderam ser muito ampliadas para que não perdessem a qualidade. Receberam as devidas legendas, e os créditos foram colocados no final do livro, como se costuma fazer em obras do tipo. Até que a obra concluída foi encaminhada à gráfica em 4 de dezembro – finalizando, portanto, toda a produção de *O Enredo dos Enredos*. O qual, de meados de 2012 ao

encerramento, me impôs uma rotina diária de trabalho, que, às vezes, chegava a quase onze horas por dia, entre pesquisa e redação.

O título para o livro foi um dos primeiros a que cheguei. Digo, com quase certeza, que me veio em uma das viagens entre Florianópolis e Laguna. Apresentei a ideia a alguns amigos, eles gostaram e assim ficou. *O Enredo dos Enredos* se explica pelo fato de abarcar um conceito, ao mesmo tempo, próprio da narrativa e do carnaval: o enredo. Desse modo, o primeiro “enredo” do título (o no singular) refere-se ao livro em si, à reportagem. E o “enredo” no plural, obviamente, remete-se aos desfiles e momentos que fazem a história da agremiação. O subtítulo, por sua vez, não só aproveita a efeméride dos 65 anos de fundação em 2012, como situa rapidamente todo o trabalho para o leitor.

Com isso, o livro nada mais é do que a linha que costura, em um só lugar, os fatos, memórias e personagens formadores da Brinca Quem Pode.

### 3. DESAFIOS E APRENDIZADO

Não considero *O Enredo dos Enredos* um trabalho de grande dificuldade. Talvez o fosse, se não tivesse, antes, me planejado muito. De modo que só saí a campo com o roteiro todo estruturado. Mas é claro que, no meio do caminho, surgiram dificuldades – que, comparadas à abrangência da pesquisa, foram até mínimas.

O contato com as fontes foi tranquilo, à exceção da dificuldade inicial imposta pelos dois entrevistados que se negavam a participar da pesquisa, mas que, depois de colocadas as razões do trabalho, acabaram cedendo. Era uma investigação calcada na memória, até porque, como já se soubesse previamente, os registros escritos eram escassos. Por isso – e esta foi uma das dificuldades –, os entrevistados lembravam-se de alguns momentos da história da escola, mas não com a precisão para afirmar quando estes fatos se deram. Mas, pelas informações, tinha-se uma ideia aproximada da época: pelo enredo, pela idade que a fonte tinha na ocasião etc.

Mesmo baseado na memória, tudo era confrontado com o que se tinha de registros. Primeiro: pelas duas atas de que a escola dispõe, de onde foram tiradas muitas informações tanto para o livro quanto para se montar, nas pautas, um resumo da trajetória do entrevistado dentro da entidade (o que, inclusive, facilitou nas conversas: quando necessário, a fonte era ajudada com tais dados). Segundo: checava-se o conteúdo das falas com o que se tinha dos jornais. E estes não existem a contento em relação ao período que compreende o carnaval dos anos 1970. Foram encontradas algumas edições de *O Estado*, mas eram pouquíssimas notas (quase nada) sobre a festa em Laguna. O que não comprometeu tanto a pesquisa, porque existem as atas de reuniões, cujos registros começaram em 1968. De posse desses dados, foi só checá-los e complementá-los com os entrevistados.

Certamente, o desafio maior foi manter o controle sobre a grande quantidade de informações. Como arranjá-las no texto sem perder o fio condutor? Era preciso que a narrativa tivesse foco, avançasse no tempo. Para isso, facilitou muito a dissertação *Brinca Quem Pode: Territorialidade e (In) Visibilidade Negra em Laguna – SC*, de Aloísio Luiz dos Reis, ainda que não se detenha tanto na história da escola e só vá até 1993. Mesmo assim, foi fundamental para se estabelecer os capítulos (e os respectivos conteúdos) e traçar uma linha do tempo com os principais fatos da história e o ano em que aconteceram. Tudo com o fito de deixar mais clara a linearidade que *O Enredo dos Enredos* devia perseguir.

Era uma novidade para mim. Apesar de ter me cercado de referências, teóricas ou não, era a primeira vez em que me envolvia com um trabalho de fôlego. O que foi facilitado pela experiência de texto e apuração, adquirida ao longo do curso de Jornalismo. Sem dúvida, a vida acadêmica foi fundamental para se lidar com o que exigiu este livro. Não só em relação ao número de informações, como já dito, mas também em relação à escrita. Afinal, escrever um livro que prenda a atenção do leitor não é tarefa simples. Escrever correto, respeitando as normas da língua-padrão e as regras do último Acordo Ortográfico (como estabeleci para o trabalho), é até tarefa fácil. O difícil é organizar os parágrafos e a própria sintaxe de modo que não apenas desperte o interesse, como evite provocar enfado no leitor. Este é, sem dúvida, um dos grandes desafios – e de onde saio com muitas lições.

Nessa relação entre a academia e a prática, destaco ainda um ensaio sobre entrevista que escrevi no segundo semestre do curso. Considero que dali praticamente defini o meu estilo de entrevistar (que talvez se transforme com os dias), mais próximo da conversa, em tom coloquial. É como sei fazer e como consigo deixar o entrevistado à vontade. Foi o que persegui ao longo da faculdade e, sobretudo, agora, em *O Enredo dos Enredos*. Mas, diga-se, esse estilo não foi só moldado pelo ensaio; em parte, veio da análise de entrevistas conduzidas pela jornalista Leda Nagle, a quem tenho como referência.

Com uma pergunta puxando a outra, e não fugindo ao que deve ser questionado, as entrevistas iam acontecendo. Sem excesso de formalidade. Estabelecida a confiança entre fonte e repórter, naturalmente fluía o rosário das memórias.

De certa forma, o que também é *O Enredo dos Enredos* – um rosário de memórias.

## REFERÊNCIAS

- CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CASTRO, Ruy. **Carnaval no fogo**: crônica de uma cidade excitante demais. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FILHO, Alcides Goularti; MORAES, Fabio Farias de. **Formação, expansão e desmonte parcial do complexo carbonífero catarinense**. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e6-01.pdf>>. Acesso em: 28 de setembro de 2012.
- LUCENA, Liliene Monfardini Fernandes de. **Laguna**: de ontem a hoje; espaços públicos e vida urbana. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- REIS, Aloisio Luiz dos. **Brinca Quem Pode**: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna – Santa Catarina. 1996. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- SOUTO, Luci Nemézio Justino de. **Ivaldo Roque, um músico de Laguna**. 2002. Monografia (Licenciatura em Educação Artística) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, 2002.
- TRAMONTE, Cristiana de Azevedo. **O Samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: [s. n.], 1996.
- ULYSSÉA, Ruben. **Laguna**: memória histórica. Brasília: Letra Ativa, 2004.
- ULYSSÉA, Saul. **A Laguna de 1880**. Florianópolis: IOESC, 1943.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. **Laguna**: um pouco do passado. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002.

ZUMBLICK, Walter. **Teresa Cristina**: a ferrovia do carvão. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.  
Jornais e portal:

Coleções de *A Gazeta, Diário Catarinense, Jornal de Laguna, Manifesto, O Albor, O Estado, O Renovador e República*; e portal *ClicRBS.com.br*.

Outros documentos:

Os dois livros-ata de que a escola dispõe, sendo que o primeiro abrange o período entre 1968 e 1989, e o segundo, de 1990 a abril de 2012; e o CD *Devoção a Maria*, elaborado em 2008 pela comissão organizadora da festa, para este mesmo ano, em honra a Nossa Senhora Auxiliadora, do bairro Progresso, Laguna.